

# ARQUEOLOGIA E TERRITÓRIO NO ALTO RIO GUAMÁ: as relações humanas com ocorrências arqueológicas no Município de Capitão Poço, Pará

Taynara Soares do Nascimento Sales<sup>1</sup>

## RESUMO

O objeto dessa pesquisa é analisar o uso da recordação/esquecimento do patrimônio cultural e material como ferramenta sociopolítica no processo de construção identitária e luta por territorialidade. Bem como a relação política/identitária e simbólica, através da memória coletiva do povo indígena Tenetehar-Tembé e o cemitério indígena. O povo Tenetehara-Tembé vive na Terra Indígena Alto Rio Guamá (TIARG), localizada na região nordeste do Estado do Pará, no Norte do Brasil. Desde a realocação que vivenciaram a partir de 1945, o povo Tembé vive do lado direito da margem do rio Guamá. A criação da TIARG se deu em um contexto de políticas de incentivo à ocupação da Amazônia por não-indígenas, pelo governo militar, em uma lógica capitalista de formação de propriedade privada, com a intenção de criar mão de obra no setor agropecuário, o que acabou gerando muitos conflitos no decorrer dos anos, até a contemporaneidade. O cemitério em questão está localizado onde os antepassados indígenas viviam anterior à realocação, e as lideranças indígenas atuais reivindicam a posse do território através da legitimação científica, na possibilidade de ser ao menos reconhecido como sítio arqueológico para que as políticas públicas possam proteger e preservar a memória do seu povo.

**Palavras-chave:** Etnografia Arqueológica; Arqueologia Amazônica; Alto Rio Guamá

## ABSTRACT

The object of this research is to analyze the use of remembering/forgetting cultural and material heritage as a sociopolitical tool in the process of identity construction and struggle for territoriality. As well as the political/identity and symbolic relationship, through the collective memory of the Tenetehar-Tembé indigenous people and the indigenous cemetery. The Tenetehara-Tembé people live in the Alto Rio Guamá Indigenous Land (TIARG), located in the northeastern region of the State of Pará, in northern Brazil. Since the relocation they experienced in 1945, the Tembé people have lived on the right side of the Guamá river bank. The creation of TIARG took place in a context of policies to encourage the occupation of the Amazon by non-indigenous people, by the military government, in a capitalist logic of formation of private property, with the intention of creating labor in the agricultural sector, which ended up generating many conflicts over the years, until the present day. The cemetery in question is located where the indigenous ancestors lived before the relocation, and the current indigenous leaders claim ownership of the territory through scientific legitimacy, in the possibility of at least being recognized as an archaeological site so that public policies can protect and preserve the memory of your people.

**Keywords:** Archaeological Ethnography; Amazonian Archeology; Upper Guama River

---

<sup>1</sup> Museóloga pela Universidade Federal do Pará (UFPA), Mestre e Doutoranda em Antropologia com ênfase em Arqueologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA/UFPA), atuante na linha de pesquisa “Cultura Material, Patrimônio e Sociedade”. Bolsista CAPES; E-mail: taynsales@gmail.com

## 1. INTRODUÇÃO

É sabido que a região Amazônica possui um vasto número de sítios arqueológicos de diversos tipos: sítios históricos, pré-coloniais, sambaquis e multicomponenciais (Barreto et al, 2016). Essa ocorrência é ainda mais frequente em localidades que sofreram pouco impacto antrópico, principalmente no último século, com advento de grandes obras que assolam a contemporaneidade. Esse fenômeno acontece na zona rural do município de Capitão Poço, no Estado do Pará, região Norte do país. A cidade fica à 210 km da capital do Estado, antes pertencente ao território da cidade de Ourém, até o ano de 1961, quando foi emancipada<sup>2</sup> (Sales, 1999; Coelho, 2019).

É observado que diferentes coletivos humanos residentes de uma área da zona rural da cidade, que fica às margens do Rio Guamá, têm conhecimento das ocorrências de material arqueológico na região. Tanto têm consciência da existência dessas peças, como fazem juízo de valor delas. Cada grupo possui uma forma de se relacionar com os vestígios (majoritariamente líticos), que passam por aspectos político-territoriais, colecionismo, misticismo e ancestralidade, entre outras categorias. Por exemplo, é bastante corriqueiro que pescadores e agricultores da região encontrem algumas peças durante o ofício e na maioria dos casos, essas peças são coletadas e o uso feito delas é bem diverso. Alguns fazem mini coleções, e até recebem “doação” de amigos e/ou parentes que encontram em suas atividades do cotidiano, outros guardam como se a peça fosse algum amuleto da sorte, outros tem convicção que aquele objeto tem poderes místicos de cura.

Já as pessoas das comunidades tradicionais têm uma relação distinta com as peças, por dois grandes motivos: o primeiro é o sentimento de pertencimento, a certeza de que aquele objeto fora produzido por seus antepassados; o segundo é a forma como eles veem no objeto arqueológico, uma ferramenta de luta política, para a confirmação que aquele território sempre fora ocupado por seus antepassados. Uma das lideranças da aldeia São Pedro, Maritó Tembé, expressou contentamento ao saber da existência dos objetos, dizendo: “Ainda dizem que esse terreno não é nosso... ‘tá’ aí a prova de que sempre estivemos aqui.” Deixando claro como a cultura material pode ser utilizada como evidência e fundamento para políticas públicas na contemporaneidade.

Em texto recente Alfredo González-Ruibal (2016) identifica que práticas de engajamento com populações vivas podem ser definidas como “Arqueologia no Presente”, visto que utilizam

---

<sup>2</sup> Segundo o historiador e antropólogo Rondinele Coelho (2019: 23-24): “O primeiro grupo de imigrantes nordestinos chegou em Capitão Poço em 1945, por um caminho seguido de Ourém a Capitão Poço que durou um dia e meio, vieram pela floresta. Ao chegar onde é a cidade de Capitão Poço atualmente, deram início às primeiras atividades agrícolas, no local, preparam um roçado de 105 tarefas. Desde que pisaram no ponto onde surgiu a cidade, tais migrantes sabiam da existência de índios na região onde o município de Capitão Poço foi criado. Os Tembé que vivem na cidade de Capitão Poço/PA estão por essa região mesmo antes da chegada da leva de nordestinos que, na versão contada na história oficial deste município, fundaram a cidade no início da década de 1940. Estas famílias chegaram e se apropriaram das terras, demarcaram-nas e dividiram entre si, desconsiderando a presença de sociedades quilombolas, indígenas, descendentes de portugueses e colonos paraenses, que já possuíam residência fixa na região.”

métodos e teorias arqueológicas para melhor compreender sociedades atuais. É dentro desta perspectiva que o projeto será desenvolvido, visando uma abordagem que ultrapasse a coleta de dados e que gere resultados que poderão ser aproveitados não apenas na proposição de dispositivos legais, mas especialmente para os sujeitos pesquisados.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

Inicialmente um estudo aprofundado da história de ocupação da região do município de Capitão Poço está sendo realizado, nesse ínterim é importante mencionar que esse processo corresponde também à uma pesquisa sobre o povo indígena Tembé-Tenetehara e sobre a comunidade quilombola Narcisa, já que a história econômico-social-cultural da cidade e sua formação se entrelaça diretamente com a trajetória dos povos originários da região.

Sendo assim, os autores usados serão desde Gustavo Dodt (1973 [1873]), com o livro “Descrição dos Rios Parnaíba e Gurupi”, passando por Charles Wagley e Eduardo Galvão (1961) com o livro “Os índios Tenetehara: uma cultura em transição”; Mércio Gomes (1971), com o livro que foi produto de sua tese de doutorado “O índio na História: o povo Tenetehara em busca de liberdade”; passando por Sara Alonso (1996) e Noêmia Pires Sales (1999) com seu livro “Pressão e Resistência: os índios Tembé Tenetehara do Alto Rio Guamá e a relação com o território”; chegando aos autores mais recentes como Vanderlúcia da Silva Pontes (anos) com seus diversos trabalhos sobre os Tembé; e finalmente Rondinelle Coelho (2019) que estuda a rede de relações dos diversos agentes sociais entre grupos indígenas residentes em Capitão Poço.

Debater sobre Cultura Material nesta pesquisa é essencial para entender as novas – e já existentes – relações da população com as “coisas” (Appadurai, 2008). É necessário também a presença de autores como Daniel Miller (2013) que acredita que as coisas não nos representam, elas nos constrói, Lynn Meskel e Robert Preuce (2004: 3), onde afirmam que Arqueologia Social: “refere-se aos modos em que nós nos expressamos através das coisas que nós fazemos e usamos, coletamos e descartamos, valorizamos e subestimamos, e através das quais buscamos ser lembrados”.

Teremos a investigação da relação entre pessoas e objetos, independentemente do tempo e do espaço (Tilley & Miller, 1996), acabando definitivamente com a dicotomia pessoa/objeto. Esta relação tem sido explorada de várias formas, considerando os objetos: atores, numa rede onde interagem, com pessoas, outros objetos e a natureza (Latour, 1998); instrumentos de agência social (Gell, 1998); ou ainda, como geradores de hábitos e determinadores inconscientes do nosso entorno cultural (Miller, 2008).

Assim, essa pesquisa prevê discussões sobre Arqueologia Colaborativa, Arqueologia Política, Arqueologia Etnográfica e Etnoarqueologia. Muitos arqueólogos e pesquisadores já discutiram e

apresentaram debates sobre os temas, seja pelas relações de envolvimento da comunidade com o patrimônio arqueológico em questão (Lima, 2011; Bezerra, 2018; Bezerra, 2017; Cabral, 2014; Funari & Bezerra, 2012; Okamura & Matsuda, 2011; Silva, 2009; Gnecco & Ayala, 2010; Pyburn, 2009) quanto de outros fatores imbricados na pesquisa, como o sensorial (Bezerra, 2013).

Segundo Hamilakis e Anagnostopoulos (2009), os maiores aspectos da etnografia arqueológica, são sua “refletividade crítica, sua natureza holística e multilocalizado, seu caráter multitemporal, seu envolvimento sensível e sensorial com o mundo, seu compromisso político e sua concepção como prática coletiva e de equipe, que transcende as fronteiras entre o pesquisador e seus diversos públicos”. (Hamilakis e Anagnostopoulos, 2009, p. 65). Tornou-se quase comum para os arqueólogos integrar a etnografia na pesquisa arqueológica convencional, que de muitas maneiras se baseia em mais de um século de arqueologia que detinha o conhecimento etnográfico para interpretar a materialidade.

O autor Castañeda (2008) pressiona essa politização para o centro da disciplina quando define a arqueologia como uma prática social contemporânea embutida em relações eticamente amarradas de poder, autoridade e propriedade. O que exatamente constitui uma arqueologia etnográfica é complicado e difere de um arqueólogo para outro; de um estudo de caso para o seguinte, mas a articulação mais clara do conceito é fornecida por Castaneda (2008), quando argumenta que a virada etnográfica na arqueologia é impulsionada pelo compromisso ético dos arqueólogos em considerar os significados que as comunidades descendentes dão à sua herança material.

Ele contrasta essa nova perspectiva etnográfica com mais de um século de pesquisa arqueológica que usou a etnografia simplesmente como dada para interpretar o registro material; em vez disso, o autor argumenta que a etnografia é agora usada pelos arqueólogos para avaliar os próprios métodos de pesquisa, agendas políticas e o papel da arqueologia como uma força social no mundo contemporâneo, uma etnografia da prática arqueológica, da própria arqueologia.

### **3. METODOLOGIA**

O principal método de pesquisa utilizado neste trabalho será a coleta de dados baseada nas técnicas conhecidas como Procedimentos de Investigação Etnográfica Rápida (ou Rapid Ethnographic Assessment Procedures-REAP). Segundo Godoy (2018), trata-se do uso de diferentes tipos de abordagens para essa coleta de dados e um cruzamento dessas informações, para que se obtenha um conclusões mais abrangente dessa pesquisa. Isso se justifica por se tratar de um município que possui área urbana e rural, além de uma diversidade de povos, assim será necessária a inclusão de procedimentos éticos para a realização da pesquisa.

Também será abordada a metodologia que a arqueóloga K. Anne Pyburn (2009) defende como prática da Participatory Action Research (PAR), ou Pesquisa de Ação Participativa (PAP), para profissionais da área que não estão familiarizados com a prática etnográfica em campo. Assim, os arqueólogos podem desenvolver de “forma sensível relações etnograficamente sensíveis e respeitadas” (p.02). Para a autora a Etnografia apropriada para arqueólogos não é sobre aprender sobre outras pessoas ou sobre ensinar outras pessoas, mas sobre compartilhar com outras pessoas, e a tentativa de “ensinar” outras pessoas, especialmente se esse engajamento vier de “cientistas” ricos e educados, apoiados pelo governo para pessoas sem essas vantagens, são tão hegemônicos e colonialistas quanto projetos que não tentam envolver não-especialistas (p. 165).

Nesse sentido, pode-se dizer que se trata de uma pesquisa exploratória e descritiva já que busca uma abordagem do fenômeno, onde se é recomendado a execução de três metodologias, a chamada triangulação: pesquisa bibliográfica sobre as questões supracitadas; observação e/ou observação participante; e entrevistas individuais com interlocutores.

#### 4. DADOS PRELIMINARES E PRÓXIMOS PASSOS

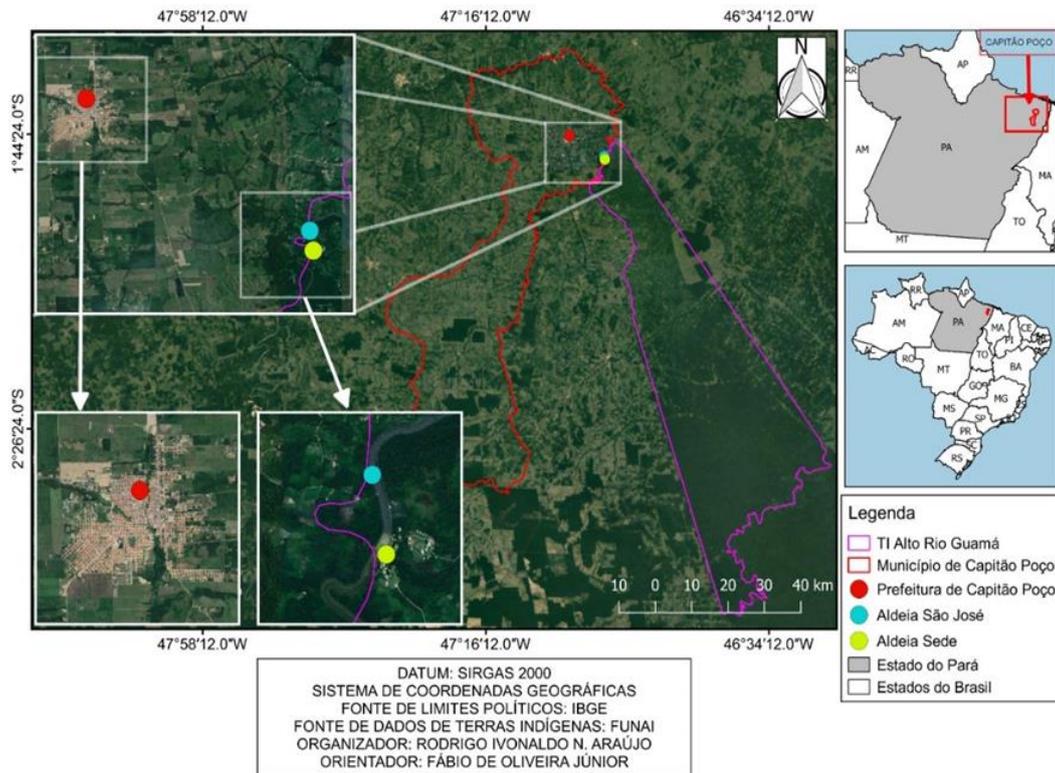
A primeira etapa da pesquisa consistiu em pesquisa bibliográfica, especialmente sobre o que diz respeito à formação e consolidação dos territórios em que consiste na pesquisa. Em paralelo a isso, foram feitas algumas tentativas de aproximação com os Tembé-Tenetehara que vivem no Alto Rio Guamá, porém, em razão da pandemia de COVID-19, as lideranças indígenas só aceitavam visita de quem estava com todas as vacinas garantidas, e ainda me faltava receber 3ª dose de reforço contra a doença. Além disso, as fortes chuvas que ocorreram em todo o primeiro semestre de 2022 dificultaram a locomoção até as aldeias.

Passado esse período, fui recebida na Aldeia Sede no Alto Rio Guamá (Figura 1) entre os dias 08 e 15 de Maio do ano corrente. Nessa ocasião estava ocorrendo os preparativos para a Festa da Moça<sup>3</sup>, na qual presenciei como visitante. Durante minha estadia na aldeia, me aproximei de alguns agentes que serão importantes para a pesquisa, como o cacique da aldeia Sede, Naldo Tembé, que me deu permissão para realizar a pesquisa; o jovem pajé Bewãry Tembé e sua esposa Pirá Tembé; o cacique da aldeia Ituaçu, Piná Tembé; além do Takamui Tembé, que afirmou que sempre encontra “pedras de raio”<sup>4</sup> pelo pasto ou em beiras de rio.

<sup>3</sup> A "Wyra'whaw", conhecida também como "Festa do Moqueado" ou "Festa da Moça". O momento marca a passagem das meninas e meninos para a fase adulta e acontece pelo menos uma vez por ano (Ponte, 2022).

<sup>4</sup> Segundo Alexandra Vieira (2020:01): “A designação de “pedras de raio” pode ser associada a três elementos distintos: a) aos instrumentos líticos, normalmente aos machados de pedra polida, ou seja, objetos arqueológicos; b) rochas naturais; c) fósseis. Em qualquer dos casos, estas peças adquirem um valor simbólico, passando a ser um símbolo de proteção.”

Figura 1: Mapa de localização da antiga Aldeia São José em relação ao município de Capitão Poço e ao Posto Indígena Tembê do Guamá (aldeia Sede), para onde os Tembê mudaram em 1945.



Fonte: Autora (adaptação).

No momento, a pesquisa encontra-se em andamento, com a etapa de campo em fase de planejamento para o segundo semestre de 2022. A ideia é realizar uma observação participativa em outras aldeias, além das vilas rurais onde houveram relatos de coletas amadoras de material arqueológico, e a realização de um contato prévio com a comunidade do Quilombo Narcisa. A realização desse campo será crucial para identificar quais conceitos e categorias irei selecionar para trabalhar de forma aprofundada na discussão deste trabalho, além de permitir o registro geográfico da ocorrência de material arqueológico nessa região.

## REFERÊNCIAS

- Alonso, S. 1996. *Os Tembê de Guamá: processo de construção da cultura e identidade Tembê*, Rio de Janeiro.
- Appadurai, A. 2008. *A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural*. Tradução de Agatha Bacelar - Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense.
- Barreto CN, Lima HP, Jaimes Betancourt C. 2016. *Cerâmicas Arqueológicas da Amazônia: rumo a uma nova síntese*. 1ª ed. Belém: IPHAN /Museu Paraense Emílio Goeldi, v. 1800. 668p.
- Bezerra, M. 2022. O machado que vaza ou algumas notas sobre as pessoas e as superfícies do passado presente na Amazônia. *Vestígios - Revista Latino-Americana De Arqueologia Histórica*, 12(2): 51–58. <https://doi.org/10.31239/vtg.v12i2.12198>
- \_\_\_\_\_. 2018. Com os Cacos no Bolso: o colecionamento de artefatos arqueológicos na Amazônia brasileira. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, 38: 85-99.
- \_\_\_\_\_. 2017. Teto e Afeto: sobre as pessoas, as coisas e a arqueologia na Amazônia. *GK Noronha*, Belém.
- \_\_\_\_\_. 2013. Os sentidos contemporâneos das coisas do passado: reflexões a partir da Amazônia. *Revista Arqueologia Pública*, 7(1[7]): 107-122.
- Cabral, MP. 2014. *No tempo das pedras moles – arqueologia e simetria na floresta*. Tese (Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade de Federal do Pará, Belém.
- Castañeda, QE. 2008. The “Ethnographic Turn” in Archaeology: research positioning and reflexivity in Ethnographic Archaeologies. In: Castaneda, Q.E. and Matthews, C.N. (eds.) – *Ethnographic Archaeologies: reflections on stakeholders and archaeological practices*. Altamira Press, pp. 25-61.
- Coelho, JRL. 2019. *Os índios na cidade: territorialização, trajetória e história dos Tembê que residem em Capitão Poço-PA*. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, pp. 219.
- Dodt, G. 2008 [1973]. *Descrição dos rios Parnaíba e Gurupi*. Imperatriz, MA: Ética.
- Funari, PP, Bezerra, M. 2012. Public Archaeology in Latin America. In: Skeates, R.; McDavid, C.; Carman, J. (eds.) *The Oxford Handbook of Public Archaeology*. Oxford University Press, p.100-115.
- Gell, A. 1998. *Art and Agency*. Oxford: Oxford University Press.
- Gnecco C, Ayala P. 2010 (eds.) *Pueblos Indígenas y Arqueologia en America Latina*. Ediciones Uniandes.
- Godoy, R. 2018. *Projeto Carta de Potencial Arqueológico do município de Belém: multivocalidades, ressonância e patrimônio na Amazônia brasileira*. Projeto de Pesquisa, Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais. Belém.
- Gomes, M. 2002. *O índio na história: o povo Tenetehara em busca da liberdade*. Petrópolis: Vozes.
- González-Ruibal, A. 2016. *Ethnoarchaeology or simply archaeology?* *World Archaeology*. (Published online 28 Jul 2016), 1-6.
- Hamilakis Y, Anagnostopoulos A. 2009. What is Archaeological Ethnography? *Public Archaeology: archaeological ethnographies*, 8 (2–3): 65–87.
- Latour, B. 1998. La tecnología es la sociedad hecha para que dure. In: Miguel Domenech & Francisco Tirado (eds.). *Sociología Simétrica. Ensayos sobre Ciencia Tecnología y Sociedad*. Barcelona: Gedisa, pp. 109-142.
- Lima, TA. 2011. Cultura Material: a dimensão concreta das relações sociais. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, 6(1): 11-23.
- Meskell L, Preucel R. (eds.). 2004. *A Companion to Social Archaeology*. Blackwell Publishers, Oxford.
- Miller, D. 2008. *The Comfort of Things*. Cambridge: Polity Press.
- Okamura K., Matsuda A. 2011. (eds.) *New Perspectives in Global Public Archaeology*. Springer.
- Ponte, VS. 2022. “Mulher-pajé”: Cosmopolítica do corpo na festa do wira’u haw Tenetehar-Tembê. *Tellus*, 22(47): 35–60. Disponível em: <https://doi.org/10.20435/tellus.v22i47.771>

- Pyburn, KA. 2009. *Practicing Archaeology – As If It Really Matters*. Public Archaeology, 8(2-3): 161-175.
- Sales, NP. 1999. *Pressão e Resistência: os índios Tembé-Tentehara do Alto Rio Guamá e a relação com o território*. Belém: UNAMA.
- Silva, F. 2009. A etnoarqueologia na Amazônia: contribuições e perspectivas. *Boletim Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, Belém, 4(1).
- Tilley, C, Miller, D. 1996. Editorial. *Journal of Material Culture*, 1:5-14.
- Vieira, A. 2020. Raios e coriscos. *Revista Memória Rural*, 2:162-173. Disponível em: <https://museudamemoriarural.pt/revistamemoriarural/index.php/revista/article/view/61>
- Wagley C, Galvão E. 1961. *Os índios Tenetehara*. Uma cultura em transição. Rio de Janeiro, MEC/Serviço de Documentação.